

Algumas considerações acerca dos problemas escolares atuais a partir da compreensão da Psicologia Escolar

Marcos Mariani Casadore

Francisco Hashimoto

UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Resumo: Os problemas escolares na atualidade são amplamente discutidos nos diversos campos perpassados pela educação. O ambiente da escola, intimamente ligado à sociedade e ao seu tempo, também afeta e é afetado pelas inúmeras mudanças externas, nos diversos âmbitos políticos e sociais contemporâneos. O presente artigo prontifica-se a refletir acerca da educação e da instituição escolar apoiado na leitura da psicologia escolar – enquanto proposta teórica e prática –, considerando a complexidade das problemáticas encontradas e a multidisciplinaridade de saberes necessários para se lidar com o ensino e a educação.

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Educação; Indisciplina; Escola.

Introdução

Não há como pensar a escola independente da sociedade na qual ela se insere. O que acontece no ambiente escolar é mais que uma analogia das situações sociais mais amplas: é um reflexo da sociedade no seu todo. Evidencia-se, nas leituras acerca do assunto, o quanto os problemas e situações atuais da contemporaneidade se relacionam diretamente aos encontrados nas escolas; estes também são facilmente encontrados nos relatos de professores, coordenadores e psicólogos escolares, que trabalham especificamente com crianças e aprendizagem. A partir dos estudos atuais concernentes à problemática – com enfoques transdisciplinares, leituras críticas acerca da educação e das instituições escolares propostas de atuação e prática multiprofissionais – aliados aos debates com profissionais da área, é possível pensar “complexamente” e discutirmos alguma coisa sobre o que se passa nas escolas nos dias de hoje.

Os tempos mudaram, mas a estrutura de ensino não; talvez desta questão provenha boa parte das queixas encontradas nos relatos destes profissionais. Focaremos nosso argumento na atuação da psicologia enquanto parte dos saberes ligados à escola e às reflexões acerca da sua dinâmica. A partir desse olhar da psicologia, propomos desenvolver algumas ideias e pensamentos cuja atenção volta-se às problemáticas da dificuldade de ensino e da indisciplina nas salas de aula – para além das ideias de “causa” e “consequência”, a discussão retoma como pano de fundo, aqui, as relações intrínsecas entre a instituição escolar: sua dinâmica, relações e cotidianidade, e o ambiente macrossocial, cultural, enquanto contexto que a circunda.

A história da Psicologia Escolar

Desde o surgimento da Psicologia Escolar, sua atuação e objetivo principal sempre foram os problemas de aprendizagem; o que se diferenciou, com o passar das décadas, foi o enfoque dos estudos e as propostas objetivas de atuação dos psicólogos. Cada vez mais o campo da psicologia na escolar constituiu-se como importante espaço de prática; paralelamente, é crescente o número de profissionais que estabelecem seu foco de trabalho junto às instituições de ensino.

Patto (1990) realizou um estudo fundamental acerca do fracasso escolar, destacando os processos que embasaram cientificamente – social e culturalmente também, por conseguinte – sua “produção” ao longo das últimas décadas. Segundo a autora, a explicação referente às dificuldades de aprendizagem na escola:

[...] articulou-se na confluência de duas vertentes: das ciências biológicas e da medicina do século XIX recebe a visão organicista das aptidões humanas, carregada de pressupostos racistas e elitistas; da psicologia e da pedagogia da passagem do século herda uma concepção menos hereditária da conduta humana, isto é, um pouco mais atenta às influências ambientais – e mais comprometida com os ideais liberais democráticos. A ambiguidade imposta por essa dupla origem será uma característica do discurso sobre os problemas de aprendizagem escolar e da própria política educacional, nele baseada, nos países capitalistas no decorrer de todo o século XX (PATTO, 1990, p. 40).

Mais especificamente no campo da psicologia, podemos ver o desenvolvimento da prática centrada na escola. Lima (2005) realiza um breve levantamento acerca da história

*Algumas considerações acerca dos problemas escolares atuais
a partir da compreensão da Psicologia Escolar*

dessa atuação específica da psicologia; segundo a autora, num primeiro momento, a partir da década de 60, a intervenção da Psicologia Escolar era pautada essencialmente na utilização dos testes psicométricos, de inteligência, medindo quantitativamente a capacidade dos alunos e segregando assim aqueles que eram capazes de aprender e os que não, o que caracterizava um modo de pensar excludente. Os problemas, desta forma, eram totalmente individuais, subjetivos; orgânicos ou não, faziam parte da constituição do sujeito em questão, e nele centravam-se todas as causas do seu próprio fracasso. As dificuldades deste aluno na classe de aula eram “classificadas”, nomeadas, seu próprio problema também era diagnosticado, e o professor perante essa situação se desinteressava por ele e sua aprendizagem, pressupondo uma incapacidade quase inata do sujeito diante às matérias da escola.

As mudanças começam a surgir e, aos poucos, adentram a prática da psicologia neste contexto. A partir da década de 80, os psicólogos escolares começam a refletir a respeito de suas próprias práticas e os estudos acerca dos problemas escolares começam também a considerar os determinismos sociais e as relações familiares e sociais estabelecidas pelos alunos. Porém, com os trabalhos acadêmicos centrados nessas novas considerações e no anseio pela busca de uma explicação certa para o fracasso escolar, a culpa recai agora essencialmente sobre o ambiente familiar que envolve o sujeito (Patto, 1990). Assim, de própria causa por seu fracasso na escola, o aluno passa a ser vítima de uma família desestruturada (ou às vezes inexistente), de um ambiente carente de cultura (“teoria da carência cultural”), sem perspectivas ou investimentos num projeto que envolva a educação escolar. Como muito bem salienta Caldas (2005),

Não se trata de negar a existência de problemas emocionais, conflitos, dificuldades familiares ou outras questões individuais das crianças. A questão é não estabelecer relação causal linear entre estes fenômenos e a capacidade para aprender. É preciso pensar na rede de agentes produtores da incapacidade (p. 28).

Outra explicação que surge, ainda na busca pela razão dos problemas encontrados nas instituições escolares, aponta para a ideologia com a qual nos deparamos nas escolas. Assim, a crítica sobre o sistema vai diretamente às diferenças de classes e sustenta que o modelo escolar, como se encontra, privilegia as classes sociais mais altas; as crianças mais pobres sofrem então um “choque cultural” ao se depararem com o conteúdo já estabelecido nas escolas, com os materiais e condutas que se mantêm distantes da sua realidade social. A problematização passa a ser tanto a escola elitista como as disparidades de renda; os estudos pensam sobre mudar a realidade – num ponto de vista mais socioeconômico – e os psicólogos adquirem um olhar mais crítico, porém as intervenções destes profissionais ficam mais nas denúncias, leituras e apontamentos dos *déficits* que nas ações para modificar realmente alguma coisa. Neste ponto, falta-lhes um novo embasamento teórico que abrangesse um novo método, uma nova prática.

Há, ainda, a crítica centrada na *situação* das escolas e professores. Com um discurso mais político-social que se pauta no baixo investimento direcionado às escolas públicas, no despreparo dos profissionais que lidam com os alunos, na falta de estrutura para um ensino de qualidade, na ausência de instituições suficientes para todos que precisam e nos baixos salários recebidos pelos professores, focam todo o problema em cima da incompetência estatal para lidar com questões relacionadas à educação de boa qualidade. Reçaímos, aqui,

sobre o mesmo problema: a busca de algo deficiente e de uma única causa, ou seja, de um culpado por toda a complexidade de conflitos e problemáticas existentes no ambiente escolar.

Todos esses tipos de abordagem do problema escolar acabavam sendo reducionistas, presos e limitados nas suas próprias concepções. Na tentativa de solucionar definitivamente os males do fracasso escolar e da indisciplina nas salas de aula, seus discursos jogavam tudo num só ponto passível de problemas enquanto, na verdade, esses pontos centrais de cada idéia seriam no máximo um fragmento da problemática total, entendimentos que se complementam numa mesma procura. É claro que um aluno pode ter problemas orgânicos que prejudiquem seu aprendizado, fazer parte de uma família com problemas que perpassem seus sentimentos e emoções, estar em relacionamentos que desestimulem sua participação na escola, ou mesmo fazer parte de uma instituição que tenha seus próprios problemas estruturais ou profissionais; mas ainda assim nenhum destes fatores é único e determinante dos problemas escolares atuais.

O papel do psicólogo escolar centra-se bastante na elucidação dessa complexidade. Na tentativa de dar voz, estabelecer contatos e diálogos entre os principais envolvidos nos conflitos que acarretam questões mal resolvidas e consequentes “estancamentos” ou mal-entendidos no ambiente de ensino. Ao abordar, ao mesmo tempo, cada um desses fragmentos de problema e o conjunto complexo das problemáticas em questão, busca ali a resolução. Num trabalho junto aos alunos e professores, aliado à direção e aos pedagogos, a procura é multiprofissional, multifatorial e também solucionada em equipe. Abordemos, então, algumas das questões que envolvem as principais queixas escolares atuais: a indisciplina na sala de aula e a relação interpessoal.

Disciplina, indisciplina, e a relação professor-aluno

Questões acerca da disciplina e indisciplina perpassam ambientes e convivências, e não se encontram exclusivamente no ambiente escolar. A ideia de indisciplina como algo que foge da regra e do esperado e instaura a desordem associa-se sempre a um conjunto de normas de funcionamento regulares de uma instituição. Voltando nossa atenção à escola, é possível enfatizar partes dessa indisciplina, ao identificá-la na desobediência de alguns alunos e comportamento não correspondente frente àquele conciliado a uma sala de aula, no desrespeito com o professor e problemas evidentes na relação professor-aluno, na organização da aula, no modo como o professor se coloca para a classe e naquilo que exige dela, na maneira como a escola organiza-se e regula seus objetivos e métodos de ensino, até mesmo em como um estado-nação prevê como melhor ou correto o funcionamento de suas organizações escolares; partes, portanto, que não dizem respeito a um só problema ou um só responsável, e ao mesmo tempo não se contradizem ou se anulam – são, por fim, partes de um único e complexo problema, de múltiplas causas e generalizadamente identificado como um só, como salienta Morin (1999).

Há uma vasta variedade de autores e referenciais teóricos que procuram compreender como tais fenômenos disciplinares e indisciplinados ocorrem. Alguns deles parecem preocupar-se mais com diagnosticar ou entender como aparece a indisciplina, e centram-na no próprio sujeito: Jean Piaget, e alguns outros teóricos que se baseiam nele,

*Algumas considerações acerca dos problemas escolares atuais
a partir da compreensão da Psicologia Escolar*

como La Taille (1996) e Araújo (2002), relacionam-na diretamente com o desenvolvimento cognitivo fundamentado na moralidade subjetiva e sua ligação com a vergonha pessoal frente a atitudes anti-sociais – caso não haja a vergonha, não há valores morais presentes na construção identitária do sujeito.

Já a leitura vigotskyana do problema disciplinar volta-se mais para o papel da sociedade (família e escola, principalmente, através da história e experiências do indivíduo dentro destas) na construção dos valores culturalmente aceitos e posturas corretas frente ao social. Destacando o papel da família nesta última ideia, cabe aqui também o desenvolvimento da ideia da carência psíquica do aluno que, desencadeada na instituição familiar, refletir-se-ia no seu comportamento escolar.

Num âmbito mais voltado à relação entre professor e aluno (ou mesmo instituição e seus respectivos agentes) e menos estrutural do desenvolvimento subjetivo deste, aparecem outras perspectivas do problema. Existem os olhares que atentam para um autoritarismo que estrutura desde sempre a instituição, e a indisciplina seria um conflito entre interesses contrários daqueles que ali estão, um embate com poderes distintos, no qual um desafia o outro. Apesar das críticas a essa ideia, que sustentam que a gênese dessa batalha situa-se fora da relação professor-aluno, tal situação fica muito bem ilustrada no filme “A Voz do Coração” (Barrantier, 2004) – principalmente por evidenciar ali um outro tipo de instituição, não correspondente a uma escola nos moldes habituais, mas sim a algo fechado e da ordem da instituição total, com regras rígidas e papéis de poder muito bem definidos, e na qual a intenção mais do que educar os alunos considerados “problemáticos” era prendê-los e controlá-los no local que possuía o caricato nome de “Fundo do Poço”.

A “troca” de intenções frente aos alunos dentro da escola-prisão do filme ocorre com a chegada do novo inspetor e professor, que também era músico. A partir da relação entre ele e os internos começa alguma mudança na maneira como os alunos percebiam as aulas. Como diz Aquino (citado por Araújo, 2002), a compreensão da disciplina-indisciplina pautou-se na relação concreta entre professor-aluno e no estabelecimento de vínculos entre as partes, além do estabelecimento de um contrato pedagógico e abertura para algum diálogo e flexibilidade das ocorrências entre as partes. Assim eram as aulas de música e o coral. O empecilho, no enredo, aparecia por parte dos antigos funcionários do internato que insistiam em manter a ordem através do autoritarismo extremo, sem nenhuma abertura para intervenção, e ainda da chegada de um novo interno que também entendia as relações entre professor-aluno ainda como algo da ordem das relações de poder, disputas, provocações e medição de forças.

Todos esses fragmentos e entendimentos da indisciplina possuem uma ampla validade intelectual, mas tornam-se realmente muito mais valiosos quando tomados em um conjunto; são, portanto, complementares e colaboram em partes para que se resolva o problema.

Numa leitura dentro da Teoria da Complexidade, de Morin (1999), tais fenômenos se inter-relacionam e auxiliam, juntos, na compreensão da indisciplina. Claro que, ao diversificar as problemáticas existentes, complica também o encontro de respostas e soluções aguardadas para os obstáculos que impedem o desenvolvimento didático e proveitoso das aulas – mas, desde o começo, a teoria parte do princípio de que o

conhecimento completo é impossível e visa apontar os problemas a serem pensados e discutidos, e não soluções e respostas definitivas.

Portanto, a indisciplina não se centra num só foco ou num só responsável, e sim abrange toda uma cadeia de empecilhos, comportamentos e dificuldades. Para se trabalhar com isso, o indicado parece ser uma atitude mais democrática daqueles que lidam com a educação, ou seja, uma abertura para diálogos e entendimento com os sujeitos com quem se trabalha, o compartilhamento de interesses e o reconhecimento deles como companheiros de uma só convivência. A partir daí, é importante pensar de maneira *multi*: a multifatoriedade da problemática em questão e a multidisciplinaridade da equipe de profissionais responsáveis por lidar com ela.

A multifatoriedade dos problemas escolares

Sendo então multifatoriais os problemas encontrados nas escolas, sua solução também não é uma só, e sim uma junção de pseudo-soluções complementares. Não existe uma única resposta, um fator que, sozinho, dê conta do fracasso escolar e dos problemas de aprendizagem. Assim, é necessário repensar novas propostas, considerando todo o complexo conjunto de determinantes que interferem no processo escolar. Como muito bem considera Caldas (2005), é preciso...

[...] pensar a escola em movimento. As queixas, a inteligência, a subjetividade, as relações, devem estar em movimento. Levar em conta o contexto sócio-histórico como pano de fundo para a compreensão dos processos escolares, movimentando laudos, discursos, atestados, possibilidades, é função preponderante do psicólogo. Entender a queixa e o fracasso escolar como uma circunstância, como um momento que poderá alterar-se e não precisará ser sempre do modo como está hoje, conduz a uma possibilidade de pensar alterações a partir de um processo de transformação (p.32).

A autora, aqui, nos exemplifica grande parte dos fragmentos que compõem os problemas de indisciplina e de relações interpessoais, e atribui ao psicólogo escolar a função de considerar toda a gama de fatores que estão “em movimento” nas queixas encontradas. A compreensão só pode ser alcançada quando se examina com atenção todas as partes do “todo”.

De acordo com Tanamachi (2000), o objeto essencial de estudo da psicologia escolar é o sujeito psicológico. Deste modo, sua prática, para além das considerações básicas referentes à estrutura institucional – e sua fundamentação sócio-cultural – deve considerar a complexidade psicológica do sujeito, aliada às definições e determinismos dos problemas de ensino-aprendizagem. Na busca por uma multiplicidade de atuação, visaria mudanças significativas em todo o contexto escolar e relacionadas a todos os agentes envolvidos no processo – uma prática que perpassasse pela atuação de todos os sujeitos envolvidos num problema específico, situacional.

Objetivamente, a abertura de um espaço para diálogos e compartilhamento de discursos entre professores e alunos, também com a intermediação de psicólogos educacionais e a presença dos pais e familiares, já apareceria como uma primeira ação na busca pela melhora dos desempenhos (de alunos e professores) nas escolas. Justamente por

*Algumas considerações acerca dos problemas escolares atuais
a partir da compreensão da Psicologia Escolar*

se tratar de algo complexo, multideterminado, que perpassa a instituição, o aluno, seus professores e familiares, o diálogo surgiria como uma primeira tentativa de conciliar idéias e objetivos dos diversos sujeitos envolvidos nesta situação.

Ponderações finais

Expusemos, até então, algumas questões acerca dos problemas escolares contemporâneos e da prática da psicologia na instituição escolar; especificamente, tratamos da multifatoriedade dos problemas escolares, da indisciplina e das relações dentro do ambiente da escola e, ainda, das possíveis abordagens teóricas e práticas. Cabem, enfim, algumas considerações finais.

A atuação do psicólogo escolar, numa intersecção entre psicologia e pedagogia, também seria de essencial importância para a melhora no espaço da escola. Enquanto questionador, sem assumir uma posição de saber instaurado e papel de quem faz parte de uma equipe para trazer soluções, interviria e colaboraria para uma melhora mútua no ambiente educacional. Ao fazer seu trabalho com responsabilidade e cautela, com o cuidado de diferenciar os problemas específicos e buscar ações eficazes, assume uma parte importante no grupo interdisciplinar presente na escola, e coopera para uma maior eficácia dos objetivos em questão.

A atuação multidisciplinar aparece como imprescindível, ao passo que enquanto para o psicólogo faltam técnicas pedagógicas, o pedagogo precisa de formação para lidar com questões mais profundas e problemas que ultrapassem algo simplesmente cognitivo, de maneira que o ensino, também, supere uma simples apresentação na lousa, sem sentido e vazia, para as crianças.

A articulação entre escola e os pais ou responsáveis, considerando também a opinião dos alunos, ou mesmo o espaço de diálogos estabelecido entre a instituição e os alunos, no próprio ambiente escolar, também são alternativas que facilitariam a interação de opiniões, idéias e objetivos de todas as partes. O envolvimento dos familiares e dos próprios alunos nos assuntos e discussões que geralmente são tomados como responsabilidade única da escola constitui, aqui, um importante passo para as re-significações do ensino e da educação que envolve a todos. A participação ativa destes no que antes não lhes diziam respeito tem um sentido que ultrapassa os simples acertos de opinião e discussão: passa, também, a ser assunto de interesse mais significativo e responsabilidade compartilhada.

Casadore, M.M., Hashimoto, F. (2012) Current problems in school: some reflections from educational psychology comprehension. *Revista de Psicologia da UNESP* 10(2),106-118.

Abstract: *Problems at school are, today, widely discussed in various subjects traversed by education. The school institute, closely bonded to society and his time, also affects and is affected by many external changes, in the different social and political contemporaries. This article will reflect about education and educational institution, supported in the theoretical and practice in scholar psychology comprehension, considering the complexity of the problems encountered and the multidisciplinary knowledge needed to deal with teaching and education.*

Keywords: *Scholar (Psychology); Education; Indiscipline; School.*

Bibliografia

ANDRADA, E. G. C. (2005). Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 18, n. 2, ago. 2005.

AQUINO, J. G. (1997) O mal-estar na escola contemporânea: erro e fracasso em questão. In: _____. (Coord.) *Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus. Pp. 91-110.

ARAÚJO, U. F. (2002) Disciplina, indisciplina e a complexidade do cotidiano escolar In: OLIVEIRA, M. K; SOUZA, D. T; REGO, T. *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna.

BARRANTIER, C. (2004) *A voz do coração*. [Filme-vídeo] Miramax Films, França/Suíça/Alemanha, 2004. 1 DVD / Cor. 95 min.

CALDAS, R. F. L. (2005) Fracasso escolar: reflexões sobre uma história antiga, mas atual. *Psicologia: teoria e prática*, São Paulo, vol.7, no.1, p.21-33. jun. 2005.

LA TAILLE, Y. (1996) A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (Org). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.

LIMA, A.O.M.N. (2005) Breve histórico da psicologia escolar no Brasil. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 23, n. 42, jul/set 2005.

MINAYO, M.C.S. (2004) *O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

MORIN, E. (1999) Da necessidade de um pensamento complexo. In: SILVA, J. M.; MARTINS, F.M. *Para navegar no século XXI: Tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.

*Algumas considerações acerca dos problemas escolares atuais
a partir da compreensão da Psicologia Escolar*

PATTO, M. H. S. (1990) *A produção do fracasso escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

SOUZA, B. P. (2004) Professora desesperada procura psicóloga para classe indisciplinada.
In: MACHADO, A. M; SOUZA, M. P. R. (Org.) *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

TANAMACHI, E. (2000) Mediações teórico-práticas de uma visão crítica em psicologia escolar. In: TANAMACHI, E., PROENÇA, M.; ROCHA, M. (Orgs.). *Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Recebido: 14 de março de 2012.

Aprovado: 12 de novembro de 2012.